

LITERATURA DE MULHERES: ENTRE TRÂNSITOS E MARGENS AFRO-LUSO-BRASILEIRAS

INTRODUÇÃO

MARGARIDA RENDEIRO

CHAM, NOVA UNIVERSITY OF LISBON (FCSH)

SUSAN DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

O presente dossiê constitui um marco significativo na nossa investigação sobre literatura escrita por mulheres, desenvolvida e integrada em equipas transnacionais. Por um lado, reúne algumas reflexões construídas no âmbito do projeto Literatura de Mulheres: Memórias, Periferias e Resistências no Espaço Luso-Afro-Brasileiro/WomenLit, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal) desde o início de 2022, com conclusão prevista para 2025.¹ Por outro, assinala o avanço de um novo projeto de investigação, intitulado *Mulheres nas literaturas e artes visuais: as representações de indígenas e afro-brasileiros(as)*, financiado pela Capes no âmbito do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento (Edital Capes 16/2023), com início em 2024 e vigência até 2027. O primeiro projeto tem estado sediado no Centro de Humanidades da NOVA FCSH, sob a coordenação de Margarida Rendeiro como Investigadora Responsável e Susan de Oliveira como Co-Investigadora Responsável. O segundo, por sua vez, está sediado na Universidade Federal de Santa Catarina, sendo coordenado por Susan de Oliveira (Coordenadora Geral) e Margarida Rendeiro (Coordenadora Estrangeira). Ambos os projetos centram-se na produção literária e artística de autoria feminina, promovendo o diálogo entre investigadoras situadas em diferentes margens do Atlântico. Estes trânsitos têm contribuído para consolidar trajetórias investigativas robustas e interligadas, ao mesmo tempo que ampliam espaços de escuta, partilha e construção coletiva de conhecimento. Este dossiê é, portanto, também uma celebração. Celebra a intersecção entre leitura, escuta e reflexão, fundamentos de uma prática crítica atenta às especificidades das escritas de mulheres. Reconhece o papel das vozes do passado na sustentação das narrativas contemporâneas e reforça o compromisso com uma

¹ <https://doi.org/10.54499/PTDC/LLT-LES/0858/2021>.

abordagem que respeite e valorize a diversidade de experiências e territórios. Celebra-se aqui não apenas o conhecimento partilhado, mas a construção conjunta de sentidos, num movimento contínuo de diálogo, reconhecimento e transformação. As autoras dos artigos aqui reunidos participam ativamente nestes projetos, em articulação com outras investigadoras com quem partilhamos percursos e afinidades. Escutamos, lemos e refletimos sobre a escrita de mulheres contemporâneas — aquelas que partilham connosco o presente —, sem, no entanto, descarmos o legado das que nos antecederam. Reconhecemos nas vozes do passado os alicerces que sustentam as escritas de hoje e, nesse entrelaçamento de tempos, experiências e territórios, fortalecemos uma prática crítica e investigativa atenta às especificidades do espaço afro-luso-brasileiro. É neste contexto vasto e diverso, marcado por histórias de resistência, deslocamento e criação, que este dossiê se afirma como um gesto de escuta ativa, de memória e de construção de futuros possíveis. Destacamos, ainda, a forma como nos temos referido a este espaço geográfico: luso-afro-brasileiro ou afro-luso-brasileiro. A ordem dos termos varia intencionalmente, refletindo a nossa vontade de promover um diálogo interseccional, contínuo, dinâmico e transformador entre essas geografias e experiências. Mais do que uma designação fixa e procurando sempre novas designações, trata-se de um gesto simbólico que recusa hierarquias fixas e promover uma troca horizontal de saberes, refletindo um projeto epistêmico que privilegia a escuta mútua e a fluidez das trocas intelectuais e afetivas.

O dossiê inicia-se com cinco artigos de autoria de investigadoras brasileiras, portuguesas e moçambicanas. O primeiro, assinado por Susan de Oliveira, centra-se no trabalho de Glicéria Tupinambá, artista e ativista indígena brasileira que se dedica, há duas décadas, ao resgate das origens e memórias do manto sagrado do povo Tupinambá. O artigo analisa como a reconstrução desse manto transcende o gesto simbólico de recuperação e se inscreve numa dimensão epistemológica e ontológica dos saberes indígenas, constituindo-se como um campo essencial nas lutas identitárias e na valorização das práticas ancestrais. Nesse contexto, o manto torna-se uma ferramenta fundamental para a preservação e revitalização das culturas indígenas no Brasil contemporâneo. O segundo artigo, de Daviane Moreira e Silva, propõe uma reflexão sobre a produção crítico-poética de Tatiana Nascimento. A partir de uma leitura comparativa de poemas, mediada pelo conceito de *cuirlombismo literário* — elaborado pela própria autora em 2019 —, a análise evidencia como essa poética desconstrói a dicção colonialista presente inclusive nos discursos de dor e denúncia que atravessam a literatura afro-brasileira. Termos como destruição, ira e feridas surgem como signos de uma etapa necessária à construção de um novo mundo. Ao costurar um universo cuér-poético,

tatiana nascimento viabiliza novas formas de produção e leitura dos afetos cuíer, ampliando as possibilidades de imaginação política, estética e afetiva. O terceiro artigo, de Ana Raquel Fernandes, desenvolve uma leitura comparativa de dois contos: “Denunciar vezes Sete”, da portuguesa Hélia Correia, e “O Trem”, da brasileira Nélida Piñon, centrando-se no papel da memória e da reflexão sobre a história pessoal e coletiva. A análise evidencia as diferentes estratégias literárias adotadas por ambas as autoras para aprofundar a importância da memória enquanto elemento estruturante da experiência individual e social. O quarto artigo, da autoria de Sara Laisse e Teresa Manjate, analisa as representações culturais do poder feminino e da memória no romance *Sina de Aruanda*, da escritora moçambicana Virgília Ferrão. Através da figura de mulheres com papéis ativos e protagonistas das suas próprias trajetórias — situadas no espaço simbólico dos prazos da coroa e das chamadas donas dos prazos —, as autoras argumentam que a obra contribui para a desconstrução da ideia de subalternidade feminina, revelando outras formas de agência e resistência inscritas na memória histórica e literária. O último artigo, igualmente escrito a quatro mãos — desta vez por Luana Barossi e Débora Klug — centra-se no romance *Enervadas*, de Crisanthème, para analisar de que modo o uso de drogas e o suicídio entre mulheres são mobilizados como metáforas de fuga e rutura face às formas de opressão de género. Através dessa abordagem, as autoras evidenciam como o romance propõe uma reflexão crítica sobre a condição feminina no Brasil da década de 1920.

Findo o espaço da reflexão crítica, abrimos agora as páginas deste dossiê à escuta e ao diálogo direto com autoras contemporâneas, acolhendo três poemas inéditos de três vozes poéticas singulares. São elas: Conceição Lima, consagrada escritora são-tomense cuja obra tem sido amplamente reconhecida e traduzida para várias línguas — destacando-se, entre outros, *Quando florirem Salambás no Tecto do Pico* (2015) e *O Mundo visto do Meio: Crónicas, seguidas de Um Auto do Século XX* (2023); autora, também, do poema que nos ofereceu expressamente para este dossiê, gesto de generosidade e compromisso perante o qual não temos palavras suficientes para agradecer; Alda Barros, também poeta são-tomense, autora de *A Flor Branca do Baobá* (2017) e *Chuva de Prata* (2019); e Trudruá Dorrico, académica e poeta indígena brasileira, cuja produção inclui, entre outras, a antologia *Tempo de Retomada* (2023), que também nos brinda com um poema criado especialmente para este dossiê, numa partilha que nos comove e enriquece profundamente. Agradecemos, desde já, a generosidade e a confiança com que nos ofereceram estes poemas — partilhas que não apenas nos honram profundamente, como também enriquecem este dossiê, tornando-o também um lugar de pertença para ambas. Segue-se a tradução para a língua inglesa do conto “O Regresso da

Velha Senhora”, integrante do volume *Sonhos e Desvãos* (2019), da escritora cabo-verdiana Fátima Bettencourt. A tradução e respetiva nota introdutória são da autoria de Joyce Fernandes, doutoranda na Universidade Brown, a quem agradecemos a confiança e a oportunidade de a incluir neste dossiê, permitindo assim que a obra de Fátima Bettencourt alcance um público leitor mais amplo. Incluímos ainda uma entrevista à realizadora portuguesa Raquel Freire, conduzida por Margarida Rendeiro. Raquel Freire é coautora do documentário *Guardadoras de Histórias, Guardiãs da Palavra* (2024), realizado em parceria com a equipa de investigação do projeto *WomenLit*. Para além da sua trajetória no cinema, é também autora do romance *Trans-Iberic Love* (2013), entre outros textos de cariz ensaístico. O título “Se eu não puder dançar, esta não é a minha revolução”, originalmente atribuído à ativista judia lituana Emma Goldman (1869–1940) e citado por Raquel Freire, sugere que a realização cinematográfica — assim como a escrita e outras formas de expressão artística e criativa — pode e deve ser entendida como uma prática libertadora e potencialmente revolucionária para as mulheres. É nesse espírito que se inscreve o cinema idealizado por Raquel Freire, assim como a escrita das autoras reunidas neste dossiê: gestos estéticos e políticos que se tornam libertadores e revolucionários ao confrontarem visões patriarcais e restritivas da experiência e da expressão humanas. Este dossiê convida à escuta atenta de vozes que escrevem e criam a partir de geografias, histórias e afetos plurais. São vozes que, ao denunciar silenciamentos, também propõem imaginários insurgentes. Mais do que uma simples coletânea de textos, esta publicação configura-se como uma constelação de encontros e práticas críticas comprometidas com a reinvenção do mundo.